

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE ARTES – IdA.
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – PRÓ-LICENCIATURA

JAQUELINE ORNELAS DE OLIVEIRA

**INTERVENÇÃO URBANA: UM OLHAR NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DO
DISTRITO FEDERAL**

Brasília-DF

2014

JAQUELINE ORNELAS DE OLIVEIRA

**INTERVENÇÃO URBANA: UM OLHAR NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DO
DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientador: Professora Daniela Cureau.

Brasília

2014

A todos os artistas de Intervenção Urbana que democratizam a arte, em especial: Maria Beatriz de Medeiros, Gil Marcelino, Júnior Mudof, Daibes Ottoni, Grupo Picasso Não Pichava, Janaína André e o Grupo Mapa Gentil.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todo o bem alcançado pelas Suas santas mãos e pelo cumprimento de Sua promessa em minha vida. *“O Senhor é o meu Deus e minha eterna salvação”*.

A minha mãe, por todo o seu esforço para me oferecer o seu melhor, pelo cuidado, educação e carinho dispensados a mim. Obrigada por ensinar-me a importância de estudar. Dizia ela: “Estude, pois o seu estudo ninguém nunca poderá tirar de você.”.

A minha irmã Juliane, fomos companheiras nos momentos mais difíceis da nossa jornada estudantil. Andávamos mais de cinco quilômetros a pé para chegarmos à escola. Mesmo assim, nos divertíamos muito.

A minha sogra que me deu total apoio para continuar estudando e, juntamente com minha cunhada Priscila, contribuiu cuidando dos meus filhos.

Ao meu pai que, mesmo de longe, orou e torceu para que tudo desse certo.

Ao meu amado esposo... Essa vitória também é sua! Obrigada, meu amor, por sempre estar ao meu lado me apoiando, me incentivando e bancando financeiramente os meus estudos sem nunca reclamar e acreditando no meu sucesso. Seu amor e seu apoio foram fundamentais para essa conquista.

Aos meus filhos Gustavo e Milena, amor maior, fonte de inspiração, forças para lutar. Obrigada pelo incentivo e colaboração.

Às minhas amigas: Ester, Rozana, Mônica, Cláudia, Juliana, Fabrícia, Kátia e Janaína que sempre tiveram uma palavra amiga e um abraço caloroso nos momentos difíceis e que sorriram comigo nos momentos felizes. Eu não podia me esquecer das amigas Gleicimar e Bruna que sempre estiveram prontas a me ajudar na produção dos vídeos dessa pesquisa. Obrigada pelo carinho e dedicação!

Aos professores que direta e indiretamente me ajudaram a conquistar essa vitória, em especial ao professor doutor Shahram Afrahi que começou a conduzir-me no momento em que eu achava que não conseguiria alcançar essa vitória. Obrigada pela dedicação e confiança. À professora Daniela Cureau que abraçou o meu projeto como se dela fosse. Obrigada pela paciência e tamanha dedicação

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo pesquisar a origem, o desenvolvimento e a dinâmica da Intervenção Urbana como expressão de arte contemporânea. O ponto de partida desse trabalho será uma pesquisa sobre as origens e os desdobramentos da Intervenção Urbana, assim como seus principais representantes e obras, até chegar ao panorama brasileiro. A partir desse ponto, será dado um breve histórico sobre os principais representantes brasileiros da Intervenção Urbana, suas obras e a importância delas para o desenvolvimento e difusão dessa expressão de arte, convergindo para a experiência do Distrito Federal como polo facilitador da experimentação e do uso de suportes diversos em razão de suas raízes cosmopolitas. Como fechamento, a pesquisa procurará mostrar a importância da arte inserida no contexto da Intervenção Urbana como elemento transformador no desenvolvimento da arte-educação. Para tanto, serão abordados artistas e projetos que, de alguma forma, contribuíram direta e indiretamente para a promoção da Intervenção Urbana como uma expressão de arte em sinergia com a educação e com o resgate de valores que conduzem ao pleno exercício de uma cidadania crítica.

Palavras-chave: Intervenção Urbana. Arte-Educação. Cidadania.

ABSTRACT

This paper has the goal of researching the origin, the development and the dynamic of Urban Intervention as an expression of contemporary art. The starting point of this work will be a research about the origins and the deployments of the Urban Intervention, as well as its main representatives and works, until achieving to the Brazilian panorama. From this point, it will be given a brief historic of the main Brazilian representatives of Urban Intervention, their works and their importance for the development and diffusion of this expression of art, converging to the experience of Distrito Federal as a pole facilitator of experimentation and of the use of various media due to its cosmopolitan roots. As closure, the research will seek to show the importance of art into the context of Urban Intervention as a transformative element in the development of art education. To do so, artists and projects that somehow contributed directly and indirectly to promote Urban Intervention as an expression of art in synergy with education and with the rescue of values that lead to the full exercise of the critical citizenship will be addressed.

Keywords: Urban Intervention, art education and citizenship.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. ORIGENS E EVOLUÇÃO DA ARTE URBANA	9
2.1 Christo e Jeanne-Claude.....	12
2.2 Banksy	15
2.3 Shepard Fairey.....	17
2.4 Jenny Holzer.....	19
3. DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA INTERVENÇÃO URBANA.....	20
4. INTERVENÇÃO URBANA NO BRASIL E NO MUNDO.....	23
5. INTERVENÇÃO URBANA NO DISTRITO FEDERAL.....	28
5.1 Artistas do Distrito Federal.....	29
5.1.1 Maria Beatriz de Medeiros.....	29
5.1.2 Gil Marcelino.....	31
5.1.3 Júnior Mudo.....	33
5.1.4 Daibes Ottoni.....	34
5.1.5 Mapa Gentil.....	37
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS.....	41

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a criatividade é o limite para a produção e a atividade artísticas. O artista vale-se de uma infinidade de meios materiais e tecnológicos para expressar e difundir sua arte. Mas, apesar da diversidade de estilos e de temas, o foco aqui é a arte de rua – também chamada de intervenção urbana, ou ainda, segundo Bia Medeiros¹, composição urbana. Nela, artistas anônimos ou mesmo consagrados no meio artístico, em algum momento, usaram e/ou usam as ruas como suporte para materializar sua arte, geralmente com o uso de palavras de ordem ou temática politizada com críticas de cunho sociopolítico ou reivindicatório ou meramente com objetivo estético. Entretanto, à arte produzida nas ruas é relegada uma importância secundária e, sem recorrer a eufemismos, ela é associada a atividades ilícitas, poluição visual, etc.

Para vislumbrar uma visão que fuja do senso comum, o tema intervenção urbana será abordado com foco nas intervenções encontradas nas ruas de nossa cidade, sempre procurando estabelecer um diálogo entre a manifestação artística em si e o que ela procura transmitir para o seu público alvo, independentemente de ela ter um apelo sociopolítico, artístico ou simplesmente estético. A problemática aqui não é exaurir esse tema, mas ser bem incisivo, ou seja, trazer à tona a importância das obras de intervenção urbana contemporâneas como expressão artística marcante no Distrito Federal, notadamente em algumas Regiões Administrativas em função de suas peculiaridades, e procurar mostrar sua importância no cenário urbano e artístico como uma expressão artística já estabelecida. Além disso, esse trabalho procurará dar respostas a algumas possíveis indagações que podem ser suscitadas ao depararmos com esse tipo de expressão artística como, “o que é?” “quem fez?”, “por que fez?” e “como fez?”.

Como ponto de partida para minha pesquisa, procurarei abordar sucintamente alguns artistas estrangeiros de renome da intervenção urbana e o impacto de seus trabalhos no mundo artístico, desde o submundo dos becos, ruas e guetos até o glamour das grandes galerias de arte para, com isso, espera-se conduzir essa abordagem à experiência da arte urbana no Brasil, partindo das suas origens até o reconhecimento por parte da sociedade, da mídia e do próprio

¹ Maria Beatriz de Medeiros – artista, coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos e do PPG-Arte, da Universidade de Brasília - UnB. Currículo Lattes disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/9031896312815301>>. Acesso em 27 mar. 2014.

mundo da arte. A partir dessa abordagem mais generalista, chegar aos trabalhos de artistas brasileiros conhecidos no cenário nacional e internacional, e convergir para os artistas anônimos e conhecidos do Distrito Federal, procurando saber quem são os artistas, suas respectivas trajetórias, quais as suas obras, o que elas procuram expressar e quais os recursos utilizados para criá-las. Para tanto, procurarei buscar essas respostas por meio de pesquisas realizadas em mídias impressas, fotografias, rede mundial de computadores e, se possível, entrevistas com alguns artistas.

2. ORIGENS E EVOLUÇÃO DA INTERVENÇÃO URBANA

A intervenção urbana – também chamada de composição urbana pela professora doutora Bia Medeiros – surgiu em meados da década de 1960 nos centros urbanos e periferias dos Estados Unidos como forma de transformar ou customizar paisagens urbanas marcantes e que poderiam servir de suporte para a manifestação de pensamentos, ideologias, inquietações, etc. Um dos objetivos principais da intervenção urbana era conduzir o público a uma experiência íntima e subjetiva de contemplação, interpretação e percepção da arte contemporânea de rua como forma de manifesto contra ideologias estatais sedimentadas na sociedade e contra a injustiça social, oferecendo novas perspectivas e uma visão crítica individualizada das paisagens urbanas deliberadamente alteradas e procuravam expressar mensagens ideológicas (Figura 1). Assim, tentar encerrar em uma definição global a importância desse movimento para o legado das artes é algo ingênuo e que não faz a devida justiça ao movimento, podendo ser, portanto, um tanto ousado sob o ponto de vista acadêmico.



Figura 1 – Grafite no muro da Cisjordânia no lado palestino².

² Nesse grafite, é possível associar ideias de origem religiosa e ideológica, como nas frases: “*God is too big for just one religion*” e “*I am not a terrorist*”.

A princípio, o movimento artístico de intervenção ou composição urbana procurou materializar seus ideais e transmitir suas ideias através de pichações e grafites em muros, paredes e edificações dos centros urbanos, transformando as ruas em verdadeiras galerias, fato que corrobora com a afirmação do artista Hélio Oiticica de que “o museu é a rua”³.

Valendo-se de palavras, de frases e de imagens que se traduziam em mensagens de caráter reivindicatório, contestativo e de crítica social em relação às instituições de poder dominantes de cada época, os artistas da intervenção urbana davam vazão e amplitude às suas ideias, e inspiravam novos artistas a fazerem o mesmo. Por essa razão e por carregar um estigma de ilicitude em razão de afrontar a ordem estatal vigente e de espalhar “poluição visual” em edificações públicas e privadas, os artistas de intervenção urbana, em geral, eram marginalizados e procuravam esconder-se no anonimato, embora cada manifestação artística, por si só, fosse capaz de traduzir a identidade própria e marcante do seu autor.

Saliente-se que, embora os primeiros artistas de intervenção urbana fizessem bastante uso de pichações e grafites cujas temáticas declinassem de qualquer carga ideológica deliberada – como foi o caso Jean-Michel Basquiat (Nova Iorque, 1960-1988) nos seus primeiros trabalhos (figura 2) –, outros artistas precursores da intervenção urbana costumavam adotar uma postura mais ríspida e direta quando em defesa de suas ideologias, renunciando, assim, a qualquer conformismo imposto por regras sociais implícitas e explícitas e a qualquer carga de eufemismo, mesmo que isso se traduzisse em provocar reações e sentimentos controversos nas pessoas.

Quem melhor materializava essas características foi o artista norte-americano Keith Haring⁴ (Pensilvânia, 1958-1990). Suas intervenções artísticas nasceram por meio de pinturas nas estações do metrô de Nova Iorque, algo que, paulatinamente, começou a despertar atenções das autoridades, da imprensa e da crítica. As pinturas de Haring são muito famosas pelo estilo inconfundível que mescla elementos que sugerem movimentos de dança a traços infantilizados. Ele pintou vários murais em todo o mundo, inclusive no muro de Berlim. Além disso, como ativista e homossexual assumido e engajado, ele fez uso de temática erotizada como forma de combate ao rechaçamento ao homossexualismo e à prostituição (veja figura 3 que apresenta uma pintura que retrata bem essa fase).

³ Com essa afirmação, Hélio Oiticica infere que a arte e a cultura devem ser democratizadas e acessíveis a todos. Isso é feito tirando a arte do espaço limitado das paredes dos museus e galerias para as ruas.

⁴ Keith Haring nasceu em 1958 na Pensilvânia e morreu em Fevereiro de 1990, em Nova Iorque. Suas obras podem ser encontradas em várias partes do mundo e possuem características singulares, mesclando traços infantis em movimento com temática erotizada.

Embora o grafite tenha sido a forma mais comum de arte urbana, experimentações e uso novos materiais e novos suportes foram ganhando espaço entre os artistas de intervenção urbana, fossem eles famosos ou anônimos, e ainda são usados no processo criativo de artistas contemporâneos como forma de sugerir às pessoas novas formas de ver e interpretar subjetivamente a sociedade e suas inter-relações sociais. Exemplos dessa multiplicidade de uso de materiais e suportes podem ser vistos nos trabalhos realizados pelo casal Christo (Gabrovo, 1935) e Jeanne-Claude (Casablanca, 1935-2009) – figura 4 –, por Banksy (Bristol, 1974/75) – figura 5 –, por Shepard Fairey (Carolina do Sul, 1970) – figura 6 –, pelo movimento *Culture Jamming*, entre outros de destaque nacional e internacional.



Figura 2 – Boxer Rebellion (1982-1983) – acrílico sobre tela (57 x 76,5 cm).



Figura 3 – Once Upon a Time (1989)⁵.

⁵ Mural pintado no banheiro do 2º andar do Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Center na 13th street em Greenwich Village em 27/05/1989.

2.1 Christo (1935) e Jeanne-Claude (1935-2009)

Christo e Jeanne-Claude formavam um casal de artistas que, desde 1953, mantiveram uma parceria no mundo das artes plásticas, com obras capazes de dar nova roupagem, ainda que efêmeras, às paisagens urbanas, modificando-as deliberadamente, os objetos de paisagem urbana são então apropriados e embrulhados. Como o próprio Christo afirma, “essas são obras de arte temporárias em áreas urbanas ou rurais, e não naturais. Interferimos apenas onde existe a ação do homem, e não na natureza”⁶. Em seguida, ao explicar as intenções das obras criadas pelo casal, Christo afirma na entrevista realizada para a 3ª edição do ano de 2008 da revista *Destartes*:

Não se deve referir a nossa obra como embalagens, e sim como projetos. O trabalho com os prédios é uma embalagem, o trabalho com uma cerca que corre por quarenta quilômetros não é uma embalagem (*Running Fence*, EUA, 1972-1976), o trabalho com milhares de guarda-chuvas não é embalagem (*Umbrellas*, EUA – Japão, 1984-1991)...⁷

Os trabalhos do casal não gozam de plena liberdade de ação (muito embora pareça o contrário aos olhos do espectador) e, de acordo com Christo, sempre precisa submeter-se às permissões de pessoas detentoras legais dos espaços a serem trabalhados, fator esse limitador e responsável pelo não prosseguimento de vários projetos. É importante frisar que cada espaço retrata trabalhos inéditos e únicos.



Figura 4: The wall wrapped Roman wall (1974).

⁶ CHRISTO; CLAUDE, J. **Entrevista com Christo e Jeanne-Claude para *Dasartes*. Edição nº 3. Ano: 2008.** *Dasartes*. Disponível em: <<http://dasartes.com/2012/entrevista-com-chirsto-para-dasartes-edicao-n3/>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

⁷ *Ibidem*.

2.2 Banksy (1973/1975)

Banksy é o pseudônimo de um artista anônimo contemporâneo de intervenção urbana e que pouco se sabe sobre ele oficialmente, apesar de ser o artista anônimo⁸ mais conhecido da atualidade em razão de seus trabalhos carregados de críticas de conteúdo sociopolítico. A importância de Banksy no cenário artístico e na Inglaterra é tamanha, que ele praticamente tem licença para difundir seus grafites de intervenção urbana em um país comumente intolerante com a arte dos grafiteiros.

Nascido supostamente em Bristol, Inglaterra, entre 1973 e 1975, seus trabalhos em estêncil são encontrados em várias cidades no mundo e, frequentemente, fazem críticas às instituições contemporâneas de poder, em uma aversão explícita às concepções de cunho político de autoridade e poder. Quando faz exposições, Banksy costuma vender suas obras e ficar com o dinheiro para financiar novas empreitadas. Entretanto, os grafites feitos em ruas e edificações não são por ele vendidos, apesar de alcançarem valores consideráveis quando donos de imóveis e edificações, em atitudes oportunistas, vendem seus murais, fato desaprovado pelo próprio Banksy. Assim, quando não é possível do imóvel retirar o mural com a imagem, o comprador, nesse caso, acaba levando o imóvel como um bônus pela compra da obra.

A figura 5, intitulada *Space girl & bird* foi arrematada por £ 288 mil (aproximadamente R\$ 776 mil). Esse fato evidencia o quanto estão bem cotadas no mercado de arte as obras de Banksy. No entanto, Banksy desaprova a atitude dos donos dos murais que procuram lucrar com suas obras. Segundo ele, essas obras são criadas para a rua, para serem acessíveis a todos que por ali passarem, e não para serem vendidas para colecionadores particulares. No site banksy.co.uk⁹, Banksy escreve sobre uma exibição em Londres organizada sem o envolvimento e consentimento dele, fato visivelmente desaprovado pelo artista. Saliente-se também o caráter controverso e impactante de suas obras para o expectador (Figura 6).

⁸ A revista Super Interessante de março de 2011, intitulada **Banksy: o anônimo mais famoso do mundo** traz uma matéria da trajetória de Banksy, partindo da sua arte com uso de estêncil, até sua experiência na direção do documentário “**Exit through the gift shop**”, lançado em março de 2010 no Reino Unido.

⁹ Acesso em 26 de abril de 2014 em que Banksy escreve :[“Banksy would like to make it clear – *This show has got nothing to do with me and I think it’s disgusting people are allowed to go around displaying art on walls without getting permission*”].



Figura 5 – Space girl & bird (spray metal 2003) – spray sobre stencil.



Figura 6 – Girl and a Soldier (muro na faixa de Gaza, 2005) – spray sobre stencil.

2.3 Shepard Fairey (1970)

Shepard Fairey, nascido na Carolina do Sul em 1970, é um artista contemporâneo e designer gráfico que ficou mundialmente conhecido por criar a imagem customizada do então senador e candidato à presidência dos Estados Unidos no ano de 2008, Barack Obama, merece destaque por representar um marco icônico da arte contemporânea. Fairey, com suas colagens da imagem de Obama, criou um trabalho inovador e que se tornou uma espécie de logomarca à corrida presidencial dos Estados Unidos. Nesse contexto, o trabalho de Fairey, como artista de rua, ganhou notoriedade e reafirmou a importância dos trabalhos de artistas urbanos em vários contextos. Com isso, a imagem de Obama foi cristalizada como uma alternativa de mudança e quebra de paradigmas ao incluir na corrida presidencial da maior potência econômica e militar do mundo contemporâneo um homem negro de ascendência islâmica. Foi nessa ocasião que a imagem de Obama, associada às palavras *progress* (progresso) e *hope* (esperança), trouxe, a percepção de uma nova opção a ser considerada nas eleições presidenciais que estavam por vir.



Figura 7 – Colagem - Poster Barack Obama “Hope” (2009)

As propostas de intervenção urbana evoluíram paralelamente aos novos movimentos artísticos e ativistas como instrumentos de contraposição socioculturais.

Através do uso intenso da experimentação e de novos suportes, em especial, na atualidade, os midiáticos (como a rede mundial de computadores e a imprensa escrita e audiovisual), as obras de intervenção urbana procuram provocar diálogos intra e interpessoais nos espectadores, além de um diálogo íntimo entre a manifestação artística em si e a percepção individual de cada pessoa, independentemente de a obra ter sido produzida com um caráter sociopolítico, artístico, ou simplesmente ter uma função estética e desvinculada de quaisquer raízes politizadas.

O *Culture Jamming* (cuja tradução infere confusão cultural) é expressão mais conhecida desse movimento. Surgiu através da alteração proposital de campanhas publicitárias com o fim de referendar críticas de caráter político e pedagógico ao transformar e reestilizar símbolos preexistentes, dando-lhes outras acepções responsáveis por suscitar reflexões diversas (veja figura 8).

Nesse contexto, procura-se dar novos significados a signos amplamente conhecidos. Tais ideias alcançaram o Brasil no final da década de 1990 e criticavam sua posição como país capitalista subdesenvolvido, com as devidas adequações às peculiaridades locais, sem, entretanto, destoar da proposta original do *Culture Jamming*, numa tentativa de se reestilizar as relações de poder até então existentes. Isto é, as práticas culturais deixam, assim, de serem meramente de caráter estético à medida que assumem um significado real de transformação e mudança perante a sociedade, como elemento de reivindicação e protesto, de acordo com Best e Kellner (Best e Kelner *apud* Mazetti, H. M. 2006. p. 2-13).



Figura 8 – Trocadilho com o logotipo da Nike®¹⁰

¹⁰ Essa figura relaciona uma multinacional à exploração do trabalho escravo em países asiáticos. A frase “WE ARE ALL WITNESSES” reflete bem o caráter denunciador.

2.4 Jenny Holzer (1950)

Já a proposta da artista contemporânea Jenny Holzer (Ohio, 1950) é provocar no expectador uma resposta aos questionamentos inseridos em suas obras, é exprimir, por meio de palavras, frases com carga poética, social e política. Holzer faz uso de uma vasta variedade de mídias. Entre elas estão: placas de bronze, placas pintadas, bancos de pedra, adesivos, camisetas, outdoors, fotografias, som, vídeo, projeção e internet. Atualmente ela é mais conhecida em função de suas projeções de anúncios luminosos com LED. Ela já expôs seus trabalhos em várias partes do mundo, inclusive no Rio de Janeiro.



Figura 9 – Spectacolor eletronic sign. Times Square, NY, 1986

A função social de reivindicação e protesto é atribuída às obras de intervenção urbana de caráter politizado (isso decorre da afirmação dos próprios artistas, anônimos ou não), embora tal função social não seja reconhecida ou legitimada por parte dos órgãos estatais que, de certa forma, procuram coibir a ação de grande parte dos artistas anônimos de intervenção urbana. No entanto, a intervenção urbana pode ser usada como elemento de transformação dos lugares – agregando-se a paisagem local – e das pessoas. É uma arte viva e dinâmica, e confere transformação: do artista, na medida em que o resgata da marginalização social e o insere no mundo da arte; do espectador que, por meio da arte, estabelece novas conexões com o seu mundo interior e exterior e passa a encarar o cotidiano de forma diferente; do educando, ao qual é apresentado novas percepções e expectativas das interconexões entre expectador, obra de arte, mundo e expectador.

3. DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA INTERVENÇÃO URBANA

Essencialmente, em função do seu caráter confrontativo, de não ser rentável em um primeiro momento, de sua logística desafiadora ao se considerar os custos financeiros e as dificuldades operacionais inerentes e, ainda, por serem focadas em locais de grande visibilidade pública – edificações públicas e privadas, ruas, etc. –, as práticas de intervenção urbana acabam sendo efêmeras e carregadas de um estigma que lhes confere uma importância secundária no cenário artístico, sendo, muitas vezes, coibidas pelas autoridades públicas, além de serem pouco documentadas e pouco estudadas no ambiente acadêmico. Exemplo disso é o reduzido número de artistas de intervenção urbana de renome (tais como Os Gêmeos no Brasil, ou mesmo Jean-Michel Basquiat nos Estados Unidos) e a pouca quantidade de trabalhos e publicações acadêmicas sobre o assunto.

Entretanto, as obras de intervenção urbana têm despertado o interesse do grande público, principalmente em razão das grandes quantias arrecadadas em leilões especializados em galerias de arte pelo mundo, fato este que eleva os artistas de intervenção do anonimato à aclamação das grandes e importantes galerias de arte. Conseqüentemente, isso eleva o valor das obras de intervenção urbana dos artistas a cifras milionárias no mercado de arte, quando da transição das ruas para as galerias através das pinturas em tela e de outras obras de intervenção urbana em outros suportes, como colagens, estêncil, esculturas, performances, etc. Como exemplo disso, a matéria publicada no jornal Estadão, em 09 de julho de 2013, afirmava que a casa de leilões Christie's iria leiloar uma tela de Basquiat por um lance inicial de £ 15 milhões (aproximadamente R\$ 57 milhões). Esse valor é suficiente para mostrar o quanto uma obra de intervenção urbana pode ser valorizada no mercado internacional de arte. Abaixo, uma reprodução da tela de Basquiat leiloada pela casa de leilões Christie's.



Figura 10 – Dustheads (1982)

No Brasil, em função da instabilidade política e, preponderantemente, social cujas origens podem ser atribuídas às consequências da ditadura militar instaurada na década de 1960, a eclosão e a difusão das manifestações artísticas de intervenção urbana foram mais direcionadas e incisivas do que em outros períodos da República, ganhando desdobramentos mais enfáticos e radicais, diferente do que acontecia nos Estados Unidos e Europa, isto é, as temáticas das obras coadunavam com a realidade brasileira em um momento de repressão e supressão extremas de pensamentos e liberdades individuais e coletivas¹¹. Nesse sentido, de certa forma, algumas obras de artistas anônimos e conhecidos soavam como a voz calada do povo brasileiro. Como exemplo, pode-se citar a arte de Cildo Meireles (1948) que, em 1970, em plena ditadura militar, incinerou várias galinhas em uma praça pública de Belo Horizonte (Figura 11) como protesto em alusão metafórica às várias pessoas assassinadas pela ditadura militar, esse fato despertou manifestações contrárias de entidades protetoras dos animais em relação à obra. Outro exemplo é o do artista Artur Barrio (1945) que distribuiu, na década de 1970, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, trouxas de pano ensanguentadas com carne e ossos como forma de protesto pelas atrocidades cometidas na ditadura (Figura 12). Nesse caso, muitos acreditaram se tratar de restos humanos.



Figura 11 – Tiradentes: Totem-monumento ao preso político (1970)

¹¹ O período compreendido entre os anos de 1964 e 1985 foi o berço, no Brasil, de uma ditadura militar extremamente autoritária. Nesse período artistas e intelectuais foram perseguidos, torturados, exilados e assassinados. Para tanto, bastava o indivíduo ser simpatizante de ideais que não se coadunassem com a ideologia vigente ou fosse participante de qualquer movimento considerado insurgente ou subversivo. Nesse período, a arte contemporânea foi alvo da censura no teatro e nas artes. O grafite foi uma válvula de escape de muitos artistas que procuravam trazer à tona um embate às ideologias de poder vigentes.



Figura 12: Troupas Ensanguentadas (1970)

Com a queda do regime militar, a temática das obras de intervenção urbana pôde ser mais vasta, à medida que novas relações sociais começaram a se estabelecer em um Brasil com uma nova conjuntura política, jurídica, econômica e social. Ainda assim, as obras dos artistas, em especial os anônimos, eram relegadas à marginalidade, eram mal vistas pelas pessoas menos abertas às mudanças estéticas dos novos movimentos artísticos, além de serem tratadas como contravenção penal, fato esse ainda não superado pela legislação penal brasileira que, de acordo com o que estabelece o artigo 65 da lei 9.605/98, prevê pena de detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa para quem for flagrado fazendo pichações ou grafitando sem prévia autorização expressa. O problema é que a própria lei não estabelece uma fronteira entre o que é vandalismo ou arte. Assim, qualquer manifestação por meio de grafiteagem ou pichação ou outro suporte pode ser enquadrada como contravenção penal.

A metamorfose das inter-relações sociais e a própria dinâmica da arte no Brasil – com suas influências externas e regionais – redesenharam e redefiniram um novo panorama para as artes no cenário contemporâneo nacional. Assim, observa-se um sincretismo entre diversos estilos de arte urbana, além de uma meteórica ascensão da importância e do valor – tanto sob o ponto de vista cultural quanto financeiro – das manifestações artísticas ligadas às intervenções urbanas. Esse fato é marcado pelo surgimento de artistas que se consagraram no mercado de obras de arte nacional e internacional. Dentre esses, pode-se destacar Herbert Baglione com suas imagens fantasmagóricas, os gêmeos, o grupo PORO, o grupo 3NÓS3, dentre outros.

4. INTERVENÇÃO URBANA NO BRASIL E NO MUNDO

A intervenção urbana surgiu, paulatinamente, como um movimento, uma corrente artística de grande importância no mundo contemporâneo. A intervenção urbana é responsável por muitas influências sofridas no meio urbano. Além disso, a dinâmica do meio urbano constantemente influencia a arte urbana em um movimento cíclico de interdependência. O que em determinada época, espaço e conjuntura é visto como vandalismo, em outros momentos pode ser considerado como uma manifestação artística com identidade bem definida e cujos reflexos retratam as multifacetadas sociais em curso, e isso agrega valor cultural e econômico-financeiro às obras de intervenção urbana.

As obras de intervenção urbana pelo Brasil e pelo mundo surgiram em meio a estigmas e preconceitos produzidos, reproduzidos e sedimentados em sociedades cujas raízes artísticas remetem ao classicismo e ao neoclassicismo. Em função disso, as obras de intervenção urbana costumavam ser negligenciadas e alguns artistas perseguidos e até presos. Contudo, as manifestações positivas e negativas da mídia, as opiniões de críticos e especialistas em arte e o impacto das obras de arte no público foram decisivos para a crescente notoriedade dispensada às obras de intervenção urbana, ainda que alguns artistas ainda prefiram o anonimato.

Diante disso, alguns artistas de intervenção urbana começaram a expor suas obras em galerias prestigiadas pelo mundo e, com isso, começaram a ganhar muito dinheiro e a influenciar outros artistas que buscavam o mesmo reconhecimento e prestígio. Esse movimento de transição das ruas para as galerias aconteceu despretensiosamente para alguns artistas e deliberadamente para outros. Isso pode ser constatado, por exemplo, através da trajetória do artista de intervenção urbana Herbert Baglione (São Paulo, 1977). Ele começou a pintar por volta de 1986, sob influência da copa do mundo. Depois disso, ele enveredou-se pela fotografia, e só no ano de 2000 voltou a pintar, mas como forma de intervir na arquitetura local para posterior registro fotográfico. Baglioni faz uso de vários tipos de suporte na produção de suas obras. Contudo, suas pinturas fantasmagóricas feitas no chão e em outros locais além das paredes são o que mais se destacam na sua produção artística. Seus desenhos remetem a figuras fantasmagóricas e as temáticas mais recorrentes são sexualidade, fé, morte, caos. Desde então, ele vem desenvolvendo um trabalho de projeção e reconhecimento internacionais, com vários trabalhos em ruas, exposições em galerias pelo mundo e trabalhos

com outros artistas na Espanha, México, Estados Unidos, etc. Por exemplo, adiante uma obra de Baglione na rua (Figura 13) e outra em uma galeria (Figura 14).



Figura 13 – Desenho na rua com spray: Projeto 1000 sombras



Figura14 – Série Eterno Vazio - Londres

A transição da rua para a galeria também é observada em relação a alguns artistas brasileiros que romperam as dificuldades financeiras, operacionais e logísticas por que passam os artistas anônimos e lançaram-se no rentável mundo das grandes galerias de arte, alcançando, inclusive, grande reconhecimento e prestígio internacionais. Exemplo disso são os irmãos gêmeos Otávio e Gustavo Pandolfo (São Paulo, 1974), conhecidos simplesmente como “Os Gêmeos”. Eles começaram aos doze anos de idade no mundo do grafite pintando paredes, muros e fachadas. Com o tempo, começaram a ganhar dinheiro com trabalhos publicitários e decoração de lojas e escritórios. Com isso, as habilidades e o estilo deles foram se consolidando em um estilo de arte próprio, mas com influências do hip-hop e da pichação. Após algumas oportunidades para difundirem seus trabalhos e algumas exposições feitas em galerias, eles se firmaram como grandes artistas contemporâneos de arte urbana e suas obras começaram a ganhar notoriedade e espaço nas grandes galerias – primeiro pelo circuito europeu e americano de galerias e, por último, no Brasil – com pinturas, instalações e esculturas tridimensionais de desenhos que pareciam ter saído do papel.

As figuras a seguir representam exemplos de criação nesses dois períodos bem distintos da trajetória artística dos gêmeos. A figura 15 é um grafite feito em um muro de uma rua paulistana em data não definida. Nela, destaca-se o estilo já consolidado de traços e cores que caracterizam seu trabalho. Na figura 16, tem-se uma instalação em três dimensões. Destaca-se nela também o estilo próprio de desenho e o esquema de cores usadas pelos artistas como uma marca que os distingue dos demais artistas que também fazem grafites, pinturas, instalações, e outras expressões de arte.



Figura 15 – Grafite em uma rua de São Paulo

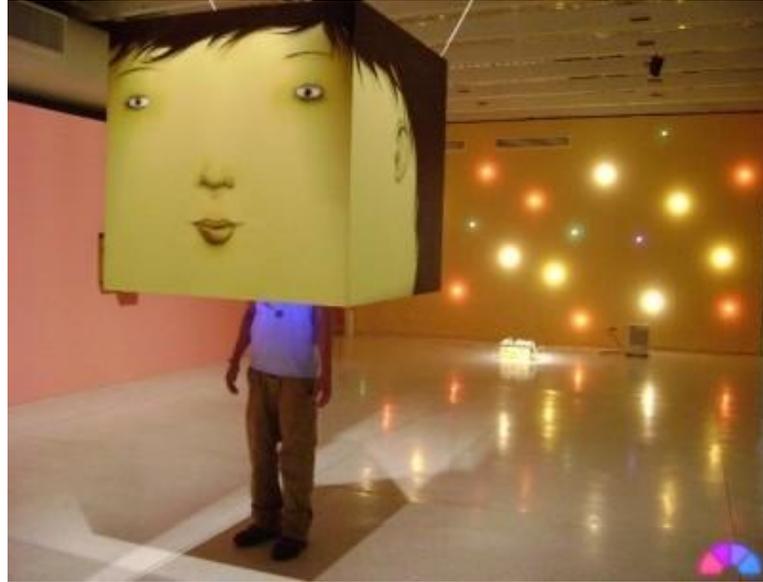


Figura 16- Instalação - CCBB Rio de Janeiro (2009).

As obras de intervenção urbana têm trilhado diferentes caminhos nos espaços contemporâneos responsáveis por sua difusão. Antes, o caminho natural para os artistas que se consagravam no seio da arte era a transição das ruas e becos para os ateliers e galerias de arte, em um movimento unidirecional. Atualmente, existem caminhos diversos: das ruas para as galerias, das galerias para a rua e da academia para rua. Por exemplo, o artista americano Mark Jenkins (Virgínia, 1970) vem se destacando no cenário internacional com suas intervenções que, segundo ele, têm como foco revitalizar as ruas das grandes cidades, dar um ar mais vivo às ruas – fazendo com que o expectador interaja com a obra direta e indiretamente, não ficando alheio como um expectador passivo ou indiferente ao que vê. Segundo Jenkins, o público alcançado é maior e mais diversificado do que nas galerias.

Suas obras, em geral, são confeccionadas com embalagens, fitas adesivas e bonecos de plástico, resina, etc. que imitam e retratam pessoas e animais nas ruas das cidades em situações inusitadas. Dessa forma, essas obras transmitem um ar irreverente, polêmico e perturbador, fato que talvez não causasse tanto impacto às pessoas em uma galeria de arte em função de o público não ser tão heterogêneo quanto nas ruas dos centros urbanos.



Figura 17 – Instalação, Homem Enrolado - Seoul



Figura 18 – Instalação – Washington, DC

5. INTERVENÇÃO URBANA NO DISTRITO FEDERAL

O Distrito Federal é a unidade da Federação que se tornou um celeiro natural de grandes artistas anônimos e conhecidos. A heterogeneidade cultural advinda de características cosmopolitas marcantes faz do Distrito Federal um local com uma vasta multiplicidade de tipos e estilos culturais e artísticos. As artes, em suas diversas formas e expressões (pintura, escultura, performances, instalações, fotografia, etc.), também conquistaram espaço cativo no panorama cultural da cidade, com influências que se espalham pelo Brasil¹². Não obstante, às obras de intervenção urbana, em especial o grafite, não costuma ser dispensado o devido reconhecimento, por se tratar, ainda, de uma expressão artística ainda relegada à ilegalidade, a um plano secundário de importância.

A intervenção urbana no Distrito Federal desdobra-se em várias vertentes, não encontrando, assim, um ponto de convergência que remeta a uma mesma origem ou direção. Ela pode ser uma expressão típica do meio urbano com o qual interage, e seguir direções e atrair públicos com concepções antagônicas em uma construção de interpretações e de interações com o meio urbano e com o público. Ela pode sair das ruas para as galerias ou das galerias para as ruas, pode sair das ruas para a academia ou da academia para as ruas em uma relação de sincretismo cultural. Pode ser ainda elemento de transformação do ser humano, resgatando-o da marginalidade social por meio de ações afirmativas e de cunho educativo que buscam na intervenção urbana uma alternativa de construção e reconstrução da história de vida individual e coletiva das pessoas. Partindo desse pressuposto, a intervenção urbana tem sido usada com objetivos mais altruístas do que o meramente decorativo ou politizado. Como exemplo disso, tem-se o programa comunitário Picasso Não Pichava cujo foco é executar atividades culturais e artísticas e oferecer oficinas para crianças, adolescentes e jovens – de acordo com sua aptidão artística – envolvidos ou não com práticas delituosas, direcionando-os para o mercado de trabalho e evitando, assim, uma ociosidade que sirva de caminho para o ingresso em atividades ilícitas e direcionando o potencial artístico de cada um.

¹² A Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV) reúne talentos das artes visuais. Suas obras, mediante parcerias, são difundidas pelo Brasil. Disponível em: <<http://www.acavart.org.br/>>. Acesso em: 7 maio 2014.

5.1 Artistas do Distrito Federal

5.1.1 Maria Beatriz de Medeiros

Maria Beatriz de Medeiros (Bia Medeiros) é artista plástica, coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos e do PPG-Arte na Universidade de Brasília. Segundo ela, o termo Intervenção Urbana é muito forte, portanto inadequado e remete a algo incisivo como uma intervenção cirúrgica. Dessa maneira, o termo mais adequado seria Composição Urbana, já que a arte não é agressiva com a cidade, mas faz parte dela. Mais, o termo composição leva a uma arte “com posição”, isto é, com posição política, por exemplo. A arte não causa intervenção, tampouco interfere com o meio urbano porque, segundo a pesquisadora, interferir ainda é mais agressivo do que intervenção já que traz em sua essência a palavra ferir. Assim, como a arte não intervém nem interfere com o meio urbano, então ela compõe com o meio urbano, sendo, portanto, o termo Composição Urbana o mais adequado para a expressão de arte conhecida como Intervenção Urbana (informação verbal)¹³.

O grupo Corpos Informáticos surgiu em 1992 depois de uma performance em um teatro em que se trabalhava o corpo nu e projeções de imagens da *internet* (conhecidas como imagens informáticas naquela época). Como houve êxito no espetáculo, ficou então decidido que o nome do grupo seria Corpos Informáticos. A proposta do grupo com suas performances é o corpo frente às tecnologias ligadas à internet, partindo do uso das palavras ao uso de objetos diversos como componentes de computador e enceradeiras. Ainda, de acordo com a artista Bia Medeiros, a arte produzida e difundida pelo grupo Corpos Informáticos não têm um quê ideológico, é arte pela arte. Mesmo porque, não existe em toda sua produção artística um conceito fechado de Composição Urbana ou de fuleragem, procura-se dar mais fluidez à arte não a encerrando em definições ou ideologias delimitantes. Assim, a arte flui da academia para a rua, da rua para a academia de maneira despretensiosa. E as reações com relação às performances são as mais diversas. O grupo ainda recebe incentivos do CNPq para pesquisa e difusão da arte¹⁴. O grupo produz principalmente performances e instalações, sendo, nesse

¹³ Entrevista concedida por MEDEIROS, M. B. Entrevista 1. [abr. 2014]. Entrevistadora: Jaqueline Ornelas de Oliveira. Brasília, 2014. 1 arquivo .mp4 (25min. 43seg.). A entrevista na íntegra encontra-se em DVD e mais imagens no Anexo A.

¹⁴ Ibidem.

último caso, as kombis colocadas ao longo da via L4 Norte, Asa Norte, a instalação mais conhecida do grupo.

Segundo a artista Bia Medeiros em entrevista no vídeo “Intervenção Urbana: a arte nas ruas” (dezembro, 2011)¹⁵, é importante democratizar a arte e torná-la acessível a qualquer público (independente do seu *status* sociocultural e do seu conhecimento sobre arte), e isso é feito levando a arte para o local onde o público está: isto é, as ruas. À luz disso, performances, esculturas, danças, pinturas e obras em qualquer suporte podem deixar o espaço e o público limitado das galerias e dialogar, questionar e submeter às pessoas – pela perspectiva da arte – a forma como a cidade é vista e vivida, além de provocar sentimentos e inquietações nos espectadores nas ruas. Em suma não existem regras para esse tipo de arte, tampouco precisa exprimir uma ideia específica ou uma ideologia, podendo ser arte pela arte. Observe o exemplo de instalação feito com kombis pelo grupo Corpos Informáticos ao longo da via L4 Norte, na Asa Norte (Figura 19) e uma performance (Figura 20).



Figura 19 - Kombeiro, Brasília (julho, 2012)

¹⁵ Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=xakg3LXeU>>. Acesso em: 09 maio 2014.



Figura 20 – Encerando a Chuva. Corpos Informáticos. Rio de Janeiro (2011)

5.1.2 Gil Marcelino (1945)

Amador Gil Marcelino, mais conhecido como Gil Marcelino, é um artista plástico espanhol, nascido no vilarejo portuário de Vigo, radicado no Brasil e morador do Park Way. Suas esculturas destacam-se nas ruas do Park Way por retratarem, com uma impressionante perfeição, animais da fauna brasileira. Essas obras estão nas ruas por iniciativa e custo do próprio artista e também por entusiastas das obras.

A trajetória de Gil Marcelino como artista começou no pastoreio de ovelhas na Espanha. Nas horas ociosas, enquanto pastoreava, costumava talhar animais em madeira. Aos onze anos de idade ele veio para o Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro. Ele exerceu vários ofícios, até se tornar servidor público da Receita Federal do Brasil. Após se aposentar, ele pôde se dedicar integralmente a arte, que até então era encarada como um *hobby*. A iniciativa de trabalhar animais da fauna brasileira veio, segundo Gil Marcelino, de uma necessidade de agradecer a cidade que o recebeu de braços abertos e da vontade de enfeitar as ruas da cidade de modo que pudessem ser um ponto de encontro de entusiastas e amantes da arte. Segundo o próprio Gil Marcelino, suas obras causam um impacto extremamente positivo nas pessoas que com eles interagem. É uma oportunidade de interagir, de tocar um animal da fauna brasileira, ainda que seja um animal de concreto. Suas obras

ganharam bastante destaque nas ruas do Park Way a ponto de serem tombadas como Patrimônio Cultural do DF, de acordo com a Lei 4.759/12 (informação verbal)¹⁶. Além disso, os trabalhos de Gil Marcelino nas ruas já foram objetos de várias reportagens, tanto na televisão quanto em jornais e revistas.

As imagens a seguir são de esculturas que estão nas ruas do Park Way, segundo Gil, as pessoas costumam interagir com as obras tocando-as, abraçando-as e subindo nelas já que elas são feitas de concreto armado em função de suas dimensões. Mas também podem, quando em menor proporção de tamanho, serem feitas de resina, fibra e cerâmica.



Figura 21 – Onça pintada na quadra 28 do Park Way. Foto tirada em abr. 2014

¹⁶ Entrevista concedida por MARCELINO, Amador Gil. Entrevista 3. [abr. 2014]. Entrevistadora: Jaqueline Ornelas de Oliveira. Park Way, 2014. 1 arquivo .mp4 (27min. 36seg.). A entrevista na íntegra encontra-se em DVD e mais imagens dos trabalhos artísticos no Anexo A.



Figura 22 – Lobo guará e filhote, quadra 28 do Park Way. Foto tirada em abr. 2014



Figura 23 – Cervos, quadra 28 do Park Way. Foto tirada em abr. 2014

5.1.3 Júnior Mudof (1988)

Sírio Júnior Mudof é um artista (desenhista, escultor e grafiteiro) que atua principalmente na Ceilândia, local onde ele mantém um estúdio no qual desenvolve trabalhos artísticos – em sua maioria grafite –, embora, academicamente, seja formado em comunicação social e designer gráfico. Ele nasceu em fevereiro de 1988 e, segundo seu depoimento, desde os onze anos de idade ele é um admirador das artes. Quando com quatorze anos, ele começou

a grafitar. A princípio como uma forma de interagir o grupo de amigos, já que, segundo ele, na Ceilândia sempre foi fácil aprender essa expressão de arte em função da grande quantidade de grafiteiros. Acrescente-se que ele tinha certeza de que trabalharia com o grafite. Desde então, ele começou e não parou.

As obras produzidas pelo grafiteiro Júnior não são polarizadas. Ela possui várias vertentes: podem ser obras livres, ou seja, sujeitas apenas à criatividade do artista. Nesse caso, são, em geral, autossustentáveis, isto é, sem subsídios (recursos financeiros) de terceiros, senão do próprio artista. As obras também podem ser comerciais. Nesse caso, são obras pagas pelo contratante e que seguem diretrizes pré-estabelecidas, podendo ser de críticas sociopolíticas ou como veículos de publicidade e propaganda. Contudo, as obras livres são financiadas e têm sua continuidade, em geral, pelo dinheiro ganho através das obras contratadas. Mesmo porque a aceitação desse tipo de manifestação artística pelo público é ampla, recebendo, por vezes, incentivos governamentais através de projetos de apoio mantidos e financiados pelo Estado. Ainda que esse mesmo Estado use de aparelhos repressores contra essa manifestação artística.

Quanto à transição da arte de rua para a galeria, Júnior acredita ser muito positivo para a arte, é um local a mais a ser ocupado pela arte de rua. Ele acredita que essa polarização (rua e galeria) pode conviver harmonicamente, ainda que alguns grafiteiros prefiram seguir a gênese do grafite que é a rua, o grafite transgressão. Ainda, ele enxerga a arte como elemento transformador no processo educacional, assim como uma religião (informação verbal)¹⁷.



Figura 24 – Obra de Júnior em um evento de grafiteagem

¹⁷ Entrevista concedida por MUDOF, Júnior. Entrevista 4. [abr. 2014]. Entrevistadora: Jaqueline Ornelas de Oliveira. Ceilândia. 1 arquivo .mp4 (08min. 18seg.). A entrevista na íntegra encontra-se em DVD e mais imagens no Anexo A.

5.1.4 Daibes Ottoni

O artista Daibes Ottoni¹⁸ nasceu em dezembro de 1974. Segundo ele, a arte surgiu precocemente em sua vida em razão das raízes artísticas em sua família. Nos seus primeiros passos na arte, ele começou a produzir trabalhos em várias técnicas, tais como: estórias em quadrinhos, caricatura, retrato artístico, escultura, gravura, desenho animado e grafite. Segundo Daibes, antes de ele começar a fazer grafite, ele fez alguns trabalhos com tatuagens, e foi nas tatuagens que ele começou – por volta de 1995 – a usar tintas coloridas. Antes disso, todos os seus desenhos eram feitos somente com caneta e lápis. Foi nessa mesma época que ele aprendeu a técnica do grafite com um amigo que trabalhava com tatuagem e aerografia (que é uma das técnicas utilizadas no grafite). Como seus trabalhos fazem uso de várias técnicas, Daibes não se considera um grafiteiro. Para ele, o artista não deve ter medo de experimentar todo tipo de técnica e material disponíveis. Por exemplo, ele utiliza na produção de suas obras tinta óleo, acrílico, pincel, aerógrafo, *spray*. Segundo ele, “arte não tem limite”.

Daibes é um entusiasta da educação, ele acredita no papel transformador da arte-educação no combate à violência. Motivado por essa ideologia, ele fez parte do programa da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, Picasso Não Pichava, que tinha como objetivo inicial resgatar da ociosidade os jovens carentes em situação de risco. Esse programa ficou entre os cinco melhores programas sociais e socioeducativos da América Latina. Tal mérito foi alcançado devido ao trabalho árduo de uma equipe de quinze policiais que abraçaram essa causa com muita dedicação e luta. Às vezes tiravam dinheiro do próprio bolso para custear ações do projeto. Para Daibes, é necessário que haja mais investimentos do Poder Público em programas que contemplem a arte-educação na promoção da cidadania.

Durante o período em que participou do programa, Daibe chegava a realizar até oito palestras semanais em escolas do DF, onde costumava tratar da temática pichação e grafite, mostrando os pontos negativos da pichação e os positivos do grafite como expressão de arte. Segundo o artista, pichação é algo muito perigoso, que caminha paralelamente ao crime, às drogas e à violência. Com esse trabalho, ele teve oportunidade de dar aulas no Varjão, Paranoá, Itapoã e Ceilândia. Segundo ele, a fase mais marcante desse período ocorreu no Varjão, pois ali as crianças eram muito pobres e tinham como referencial o traficante da rua que era aquele que tinha um “carrão”, joias e mulheres bonitas. Para aquelas crianças, o herói

¹⁸ Artista Plástico formado pela Universidade de Brasília e Policial Militar.

era o traficante. Segundo Daibes, com a entrada do projeto na cidade, as crianças e jovens começaram a participar das oficinas de grafite, sendo que alguns jovens se destacaram a ponto de saírem do papel de alunos do projeto para o de instrutores. A partir daí, Daibes conseguiu que a Administração Regional da cidade financiasse a participação dos alunos em um evento chamado 24 horas de desenho na UnB. Em função disso, muitos alunos ficaram deslumbrados com a experiência e alguns chegaram até a ingressar na UnB. Para ele, a arte tem essa função transformadora, e foi a partir dessa experiência que a imagem pejorativa que os alunos eles tinham de policiais e da arte foi desconstruída já que o programa conta com a colaboração de policiais imbuídos com a arte-educação.

É importante frisar que muitos dos alunos que participaram do programa ingressaram na UnB e outros tornaram-se policiais. Enfim, mudaram a trajetória de vida partir da valorização da arte-educação como elemento de mudança. Daibes acredita que a arte de rua é democrática, acessível a todos – das ruas às galerias. Ele chegou a expor suas obras de arte em algumas galerias da cidade como na mostra coletiva Arte Cidadã em que ele participou como um dos artistas que expuseram na Câmara dos Deputados (informação verbal¹⁹).



Figura 25 – Grafite de rua de Daibes (ao centro). À esquerda Joel Bergner, grafiteiro dos EUA e à direita Ozana, grafiteiro de São Sebastião.²⁰

¹⁹ Entrevista concedida por OTTONI, DAIBES. Entrevistas 5 e 6. [abr. 2014]. Entrevistadora: Jaqueline Ornelas de Oliveira. Ceilândia. 2 arquivos .mp4 (02min. 55seg. e 29min. 44seg. respectivamente). As entrevistas na íntegra encontram-se em DVD. Mais imagens no Anexo A.

²⁰ Imagens 25 e 26 retiradas do blog Daibes Ottoni. Disponível em: <<http://www.dottoniarte.blogspot.com.br>>. Acesso em: 15 maio 2014.



Figura 26 – Grafite do programa Picasso não Pichava

5.1.5 Mapa Gentil

Janaína André (1976) é diretora e idealizadora do grupo Mapa Gentil. Ela graduou-se em Artes Visuais Faculdade Dulcina de Moraes em 2001 e ingressou no grupo de intervenção urbana Entorno que era integrado por artistas da cidade. Ela relata ter ingressado no grupo em razão de os espaços institucionalizados serem muito restritos (fechados) para artistas de intervenção urbana, com muitas regras, muita burocracia, sendo a rua é menos elitista e, portanto, mais democrática. A partir da evolução das ideias adquiridas dessa experiência, surgiu o grupo Mapa Gentil que é produto de uma visão coletiva interacionista da arte com o público. O Mapa Gentil nasceu a partir de ideias politizadas do grupo Entorno. Sua atuação baseia-se na formação de pessoas (voluntários) em diferentes linguagens de arte. As intervenções urbanas usadas durante o processo criativo são: o grafite, a pintura, o stencil, a palavra, a poesia, instalações, modelagem (massinha), etc., ou seja, as mais variadas expressões e linguagens de arte, conforme a proposta do artista convidado para as oficinas e as propostas de intervenção na cidade. Além disso, diversos suportes urbanos são usados no agir com os espaços públicos, como o uso de placas com mensagens afixadas nos postes.

As obras produzidas pelo grupo são pensadas para estimular o olhar crítico e a postura consciente de cidadão, a identidade cultural, a proteção à natureza e a crítica a alguns aspectos do modelo capitalista, como o porquê de o dinheiro mediar as relações sociais. Suas

intervenções podem ser encontradas em várias cidades do DF e fazem uso de diferentes linguagens artísticas²¹.

O Mapa Gentil tem parte de sua atuação financiada por receitas do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), um programa da Secretaria de Cultura, através de editais aprovados pelo Governo do Distrito Federal. Entretanto, buscam-se outras fontes de financiamento, outras parcerias já que, ao contrário de outros eventos financiados pelo FAC, o Mapa Gentil é um programa educativo que carece de recursos para ampliar e manter sua continuidade.

A proposta de atuação do Mapa Gentil surgiu de um trabalho no Centro de Ensino Médio EIT, advindo da Associação Cultural Faísca (da qual Janaína André faz parte) em que se discutia o uso da gentileza numa amostra de cinema. A partir disso, o Mapa Gentil surgiu como um projeto pautado pela ética e pela estética da gentileza. No desenvolvimento dos seus projetos de intervenção, o grupo sempre pediu autorização dos responsáveis pelas áreas, já que a gentileza deve começar com o local palco da intervenção. Dessa forma, o projeto é amplamente aceito e cresceu muito em função de a gentileza ser algo muito necessário na atualidade. Muitas escolas procuram o projeto, as demandas e convites estão além da capacidade do Mapa Gentil, inclusive a mídia já reportou a importância do projeto e a adesão dos jovens e de pessoas que colaboram com o projeto através da doação de lanches, tintas, etc.

O Mapa Gentil tem diferentes públicos: jovens a partir de 14 anos, professores multiplicadores do projeto e comunidade que se beneficia da galeria a céu aberto. A metodologia adotada pelo grupo é a de cooperação, de colaboração mútua e de respeito às diferenças, contemplando a construção de ideias coletivas através da interação construída inicialmente através jogos que ajudam a conhecer o projeto e trabalham temas como identidade, opinião, memórias, afetividade e problemas sociais, tudo de modo lúdico no que é definido como metodologia aula-jogo, onde o aluno joga, pensa nos problemas sociais e cria *designs* que são levados para as ruas com o fim de alertar as pessoas.

Segundo Janaína, antigamente o projeto Mapa Gentil era tido como um projeto de arte-educação, agora ela o define como um projeto arte-transformação porque transforma os espaços, os olhares e os jovens participantes. Em suma, todos se transformam fazendo o uso da arte como um instrumento extremamente eficaz nesse processo (informação verbal)²². Por exemplo, a aluna Camila afirma que o Mapa Gentil oferece muitas oportunidades e perspectivas ao mostrar que a arte vai além dos modelos de estabelecidos pelo senso comum.

²¹ Ver mapa e ícones. Disponível em: < http://mapagentil.com.br/?page_id=2611>. Acesso em: 17 maio 2014.

²² Entrevista concedida por ANDRÉ, Janaína. Entrevista 4. [abr. 2014]. Entrevistadora: Jaqueline Ornelas de Oliveira. Taguatinga. 1 arquivos .mp4. A entrevista na íntegra em DVD e mais imagens no Anexo A.

Com as oficinas aprende-se que a arte não é aquela coisa perfeita, ou seja, a intervenção urbana é um diálogo, uma conversa entre o artista, o público e a obra.

Frise-se que a proposta ideológica do Mapa Gentil germinou a partir das ideias e ações de José Dadrino, mais conhecido como profeta gentileza. Ele foi um artista que deixou o legado dos seus trabalhos nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, sempre promovendo palavras, frases e poesias que enaltecem atitudes pouco cultuadas entre a população tão apressada das grandes cidades. Seu jargão mais conhecido “Gentileza gera gentileza” é o ponto de partida para os trabalhos de intervenção urbana do grupo.



Figura 27 – Grupo Mapa Gentil²³

²³ Imagem retirada do site Mapa Gentil. Disponível em: < http://mapagentil.com.br/?page_id=498>. Acesso em: 17 maio 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse trabalho foi importante para mostrar a importância da Intervenção Urbana no cenário artístico e cultural como uma expressão de arte contemporânea e como reflexo da dinâmica sociocultural urbana. Através das pesquisas e entrevistas, foi possível entender o porquê de esse tipo de manifestação artística ser considerada por alguns como transgressora, e ainda ser permeada por críticas e preconceitos. Entretanto, o mais importante foi poder constatar que as obras de Intervenção Urbana podem ser acessíveis a todos, sendo, portanto, mais democráticas. A isso, adicione-se o fato de que os artistas de intervenção urbana estão conquistando espaços antes não comunicáveis à arte urbana. Assim, eles começam a alcançar importância antes devida apenas aos artistas de correntes clássicas e neoclássicas. Tal situação agrega valor cultural e econômico às obras de intervenção urbana.

O papel social da arte na vida de jovens ociosos ou em situação de risco merece destaque, já que foi possível verificar, em várias situações, que projetos vinculados à arte-educação podem ser eficientes e eficazes na promoção da educação e no resgate da dignidade da pessoa humana de pessoas com trajetórias de vida convergindo para exclusão social. Pude testemunhar que a arte – por meio de projetos e ações adequados aos casos concretos – pode ter um papel educacional extremamente importante na promoção da educação e construção do saber, oferecendo novas perspectivas e opções aos educadores e aos educandos, como, por exemplo, usar a arte como ferramenta para dinamizar o ensino-aprendizado de outras áreas.

Entretanto, esse assunto é vasto e exauri-lo não faz parte da intenção desse trabalho, sendo, então, a ponta de um *iceberg* de descobertas passíveis de se desenvolver trabalhos mais rigorosos e investigativos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. Arte e Mídia: **Perspectivas da estética digital**. 2ª ed. São Paulo: SENAC, São Paulo, 2012. 190 p.

BANKSY – **Exit through the gift shop**. [on line] Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2gG816UvtCA>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

BANKSY – Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Banksy>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

BIO TRUE STORY. **Keith Haring biography**. [on line] Disponível em: <<http://www.biography.com/people/keith-haring-246006?page=1>> Acesso em: 6 abr. 2014.

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

CHRISTO; CLAUDE, J. **Entrevista com Christo e Jeanne-Claude para Dasartes (edição nº3)**. Dasartes. [on line] Disponível em: <<http://dasartes.com/2012/entrevista-com-chirsto-para-dasartes-edicao-n3/>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

ESTADÃO/CULTURA. **Picasso, Goya e El Greco serão as estrelas de leilões na Christie's e na Sotherby's nos próximos meses**. [on line] Disponível em <www.estadão.com.br/impreso,em-londres-espanhoes-em-alta,1040511,0.htm>. Acesso em: 28 mar. 2014.

GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite: arte urbana**. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

INTERVENÇÃO/TERIVENÇÃO: **A arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano**. [on line] Disponível em: <http://web.archive.org/web/20080425234854/http://www.polemica.uerj.br/pol15/cima gem/p15_barja.htm>. Acesso em: 15 mar. 2014.

INTERVENÇÃO URBANA. **O que é intervenção urbana?** [on line] Disponível em: <<http://www.intervencaourbana.org/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

JENNY HOLZER. [on line] Disponível em: <projects.jennyholzer.com/projections>. Acesso em: 06 maio 2014.

JENNY HOLZER. [on line] Disponível em: <en.wikipedia.org/wiki/Jenny_Holzer>. Acesso em: 06 maio 2014.

MAPA GENTIL. [on line] Disponível em: <<http://mapagentil.com.br/>>. Acesso em: 6 maio 2014.

MAZETTI, H. M. **Intervenção urbana:** representação e subjetividade na cidade. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UnB, 29º, 2006, Brasília. **Anais ...** Brasília: Intercom , 2006. p. 2-13.

NETTO, Karla Osório. **Arte Radical.** 1ª ed. Brasília: Espaço Cultural Contemporâneo - ECCO, Brasília, 2012.

OS GÊMEOS. **Biografia.** [online] Disponível <www.osgemeos.com.br/biografia/>. Acesso em: 20 abr. 2014.

PARAFERNÁLIAS: **Composição urbana e UEB arte iterativa (1).** Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol22/cimagem/p22_fernandomaria.htm>. Acesso em: 15 mar. 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Programa Picasso Não Pichava.** [online] Disponível em: <<http://www.ssp.df.gov.br/servicos/programas-comunitarios/picasso-nao-pichava.html>>. Acesso em: 9 maio 2014.

STREET - ART BRAZIL WITH HERBERT BAGLIONE. [on line] Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=94ZJJfbytkA>>. Acesso em: 6 maio 2014.

SUPER INTERESSANTE 25 ANOS. **Entre o museu e o outdoor.** [on line] Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/museu-outdoor445838.shtml>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

ANEXO A: IMAGENS DOS ARTISTAS ENTREVISTADOS E SEUS TRABALHOS ARTÍSTICOS

Corpos Informáticos



Figura 1 – Entrevista com a artista Bia Medeiros

Fonte: Imagem feita por Jaqueline Ornelas



Figura 2 – Pintura na pista em frente ao IdA

Fonte: Facebook da artista Bia Medeiros



Figura 3 – Kombeiro

Fonte: Facebook do grupo Corpos Informáticos



Figura 4 – Performance – Bundalê

Fonte: Facebook da Artista Bia Medeiros

Gil Marcelino



Figura 1 – Entrevista com o artista Gil Marcelino

Fonte: Imagem feita por Jaqueline Ornelas



Figura 2 – Onça Pintada

Fonte: Foto tirada por Jaqueline Ornelas



Figura 3

Fonte: Foto tirada por Jaqueline Ornelas



Figura 4 – Tamanduá Bandeira

Fonte: Foto tirada por Jaqueline Ornelas

Júnior Mudof



Figura 1 – Entrevista com o artista Júnior Mudof

Fonte: Imagem feita por Jaqueline Ornelas



Figura 2 – Grafite em muro de escola

Fonte: Facebook pessoal do artista



Figura 3 – Grafite em muro de escola

Fonte: Página web Subsolum Design



Figura 3 – Grafite em 3D

Fonte: Página web Subsolum Design

Daibes Ottoni



Figura 1 – Entrevista com o artista Daibes Ottoni

Fonte: Imagem feita por Jaqueline Ornelas

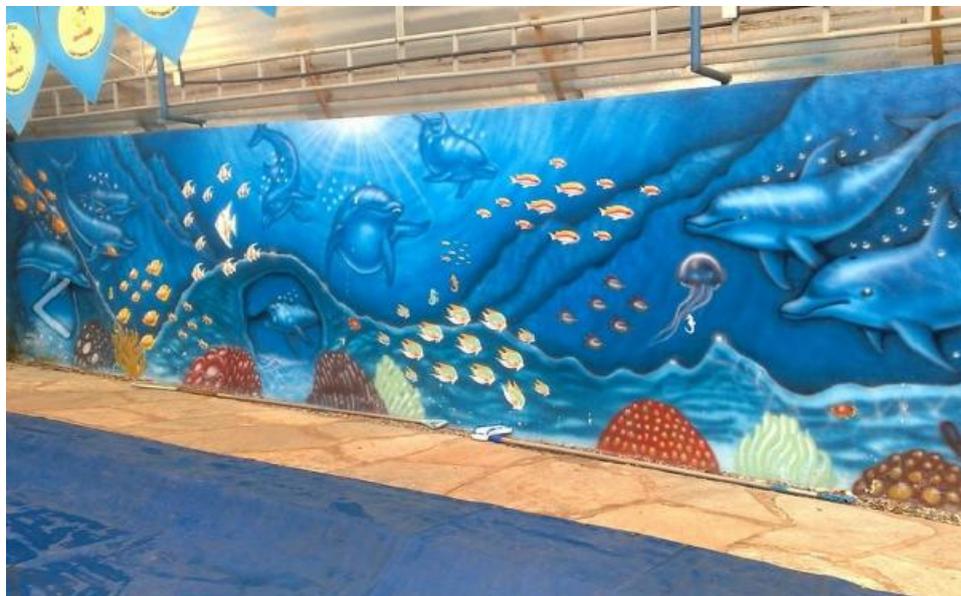


Figura 2 – Fachada de escola no Lago Sul

Fonte: Facebook pessoal do artista



Figura 3

Fonte: Facebook pessoal do artista

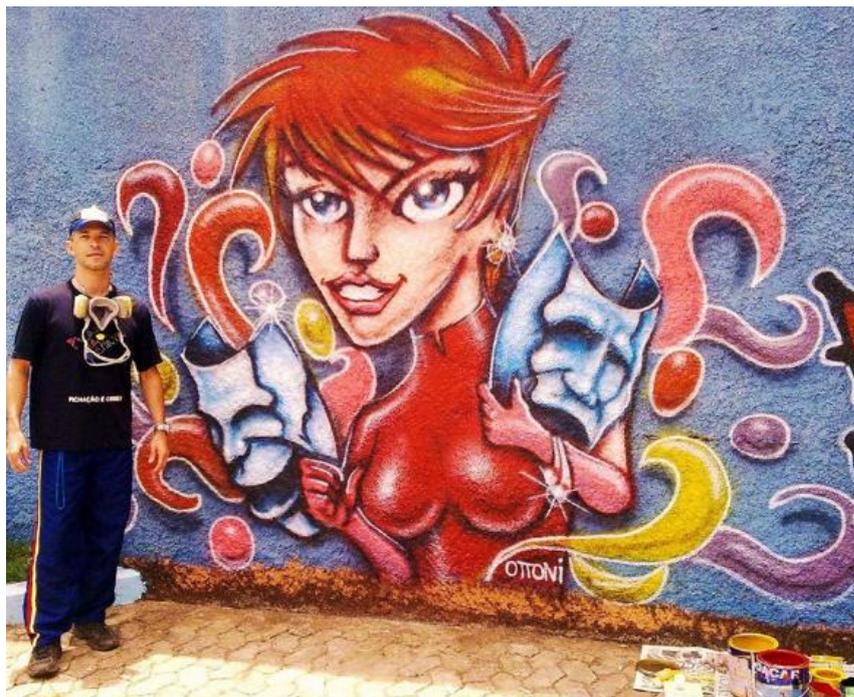


Figura 4

Fonte: Facebook pessoal do artista

Programa Picasso Não Pichava



Figura 1 – Entrevista com Eliezer Santos, Coordenador do Programa Picasso Não Pichava

Fonte: Imagem feita por Jaqueline Ornelas



Figura 2

Fonte: Facebook do Programa Picasso Não Pichava



Figura 3

Fonte: Facebook do Programa Picasso Não Pichava

Grupo Mapa Gentil



Figura 1 – Entrevista com Janaína André

idealizadora e diretora do grupo de Intervenção Urbana Mapa Gentil

Fonte: Imagem feita por Jaqueline Ornelas



Figura 2 – Entrevista com Camila, aluna do grupo de Intervenção Urbana Mapa Gentil

Fonte: Imagem feita por Jaqueline Ornelas



Figura 3 – Intervenção em banco de praça

Fonte: Facebook do Grupo Mapa Gentil



Figura 4 – Intervenção na Praça do Bicalho

Fonte: Facebook do Grupo Mapa Gentil

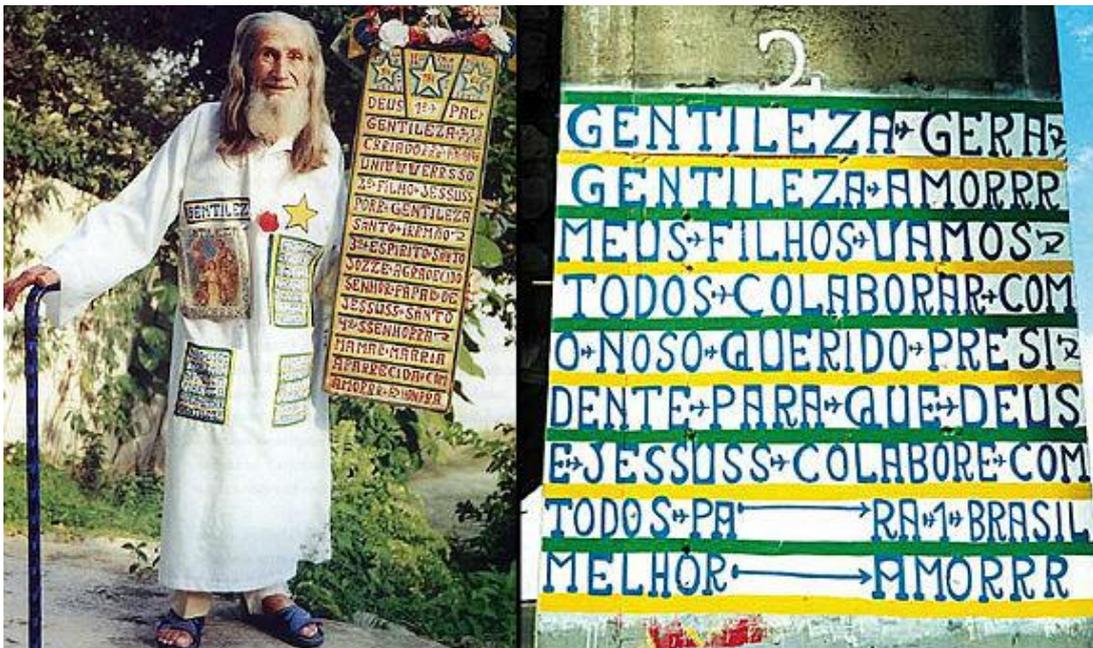


Figura 5 – Profeta Gentileza

Fonte: <http://www.quemundovoceve.com.br/tag/profeta-gentileza/>

Anexo B: Música em homenagem ao Profeta Gentileza

Gentileza

Marisa Monte

APAGARAM TUDO
PINTARAM TUDO DE CINZA
A PALAVRA NO MURO
FICOU COBERTA DE TINTA

APAGARAM TUDO
PINTARAM TUDO DE CINZA
SÓ FICOU NO MURO
TRISTEZA E TINTA FRESCA

NÓS QUE PASSAMOS APRESSADOS
PELAS RUAS DA CIDADE
MERECEMOS LER AS LETRAS
E AS PALAVRAS DE GENTILEZA

POR ISSO EU PERGUNTO
A VOCÊ NO MUNDO
SE É MAIS INTELIGENTE
O LIVRO OU A SABEDORIA

O MUNDO É UMA ESCOLA
A VIDA É O CIRCO
AMOR PALAVRA QUE LIBERTA
JÁ DIZIA O PROFETA